

ENCONTRO COM A PSICOLOGIA

“O TEMPO NÃO PARA...”

*Daisy Seabra de Queiroz**

Natal, ano novo, é tempo de trocar experiências! Então te ofereço um presente! Um convite a fortalecer alianças com um grupo específico da população brasileira cada vez mais presente entre nós: as pessoas idosas! Mas por que é tão necessário voltarmos nossa atenção para esse grupo? E, ainda, em que sentido fazê-lo?

Para começar, é importante pensar sobre algumas condições que comprometem a saúde da pessoa idosa. Nesse sentido, participar de Rodas de Conversa com pessoas em processo de envelhecimento ajuda muito! Ao longo de três anos, uma série delas se deu como parte de um projeto interdisciplinar envolvendo, além da Psicologia, a Enfermagem e a Educação Física. Também realizamos Rodas on-line com internas(os) de uma Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI), durante um ano da pandemia. Em outro momento, tivemos a oportunidade de aprender com a escuta de pessoas desse grupo etário, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

Parte dessa reflexão começa com a proposição da Organização Mundial da Saúde (OMS) que afirma que o cuidado em saúde deve visar ao bem-estar biopsicossocial de todas as pessoas, ou seja, a qualidade de vida precisa ocorrer em sentido amplo. No que diz respeito às pessoas idosas, precisa-se observar o quão intensamente vêm sendo afetadas por violências cotidianas, que resultam em intenso sofrimento físico e psíquico. Dentre elas podemos destacar as violências consideradas intencionais: psicológica, financeira, sexual, negligência, autonegligência e abandono.

Porém, a fim de compreender melhor o que se passa com esse grupo etário, é necessário ir além e nos perguntar sobre as condições de produção dessas violências. Por exemplo, pensarmos sobre o olhar da sociedade em relação às pessoas idosas e o lugar (ou, quem sabe, os poucos espaços) que lhe são permitidos no cenário atual? Nesse sentido, temos que começar nos despidendo de pré-conceitos: o velho aposentado improdutivo, alguém incapaz de gerir sua própria vida, o(a) doente, pessoas que não têm mais desejos, nem direito a projetos de vida. Tais olhares estereotipados e a ameaça

constante às possibilidades de interação com outras gerações, com antigos e novos interesses, ganham maior clareza quando contextualizados. Ou seja, se considerarmos influências econômicas, políticas, tecnológicas e culturais, que atravessam o cenário social, na atualidade.

Esses breves comentários têm o intuito de instigar suas reflexões sobre o quanto temos contribuído para a produção de modos de envelhecer marcados por violências mais ou menos sutis e, conseqüentemente, pelo sofrimento. O desafio de romper com olhares e práticas dominantes e dominadoras exige alianças no enfrentamento às violações de direitos, que comprometem a qualidade de vida das pessoas idosas, como a falta de acesso a moradia digna, ocupação, cultura, lazer, enfim à proteção social. Parcerias que resgatem oportunidades de encontros com pessoas e fazeres, pois é assim que nos construímos como sujeitos e forjamos os caminhos da existência. A promoção da saúde integral envolve tudo isso. Em sua complexidade convoca diferentes saberes e experiências. Exige encontros com equipes interprofissionais, que orientem o cuidado considerando a singularidade de cada pessoa idosa.

Mas não é só isso! Também é necessário envolver de forma efetiva diversos serviços e ações, dentro e fora do setor da saúde (por exemplo, a Assistência Social, a Defensoria Pública, etc.). A rede de cuidado pode se ampliar ainda mais e abarcar as potencialidades, os recursos da comunidade onde vive a pessoa idosa. Reforça-se, assim, a relevância da mobilização de redes para que se construam a partir da escuta a singularidade e complexidade de cada pessoa em seu movimento de envelhecimento. Redes que incluam sua participação e não subjuguem a autonomia, perpetrando violência. Todos(as) nós, cada um(a) a seu modo, podemos nos engajar no cuidado integral à saúde das pessoas idosas, nessa rede em favor da vida. Esse é o presente que te ofereço hoje, época de recomeço, de repensar, de mudar nosso olhar diante da vida, diante do tempo!

**Daisy S. Queiroz é psicóloga e docente do Curso de Psicologia da Unifeso*